

EDITORIAL

Estamos muito felizes pelo convite em apresentar este número da revista Conexões, porque este momento simboliza, para toda a comunidade do ICSA, diversos sentimentos contraditórios. Estamos alegres pelo retorno às atividades presenciais e pela possibilidade do reencontro com os colegas professores, técnicos e com os estudantes; e, ao mesmo tempo, tristes pelas perdas das vidas e pelas sequelas deixadas pela pandemia de Covid-19.

A crise sanitária mundial também veio demonstrar que a integração em torno de objetivos comuns, como o do ensino universitário público, gratuito, de qualidade e socialmente referenciado é possível a partir do fortalecimento das lutas e da integração da comunidade universitária.

Apesar do cenário adverso à ciência e à universidade é necessário enfatizar que no ICSA houve avanços nas conquistas mais gerais com o estímulo à participação nos fóruns de decisões coletivas como, por exemplo, nas representações docentes, dos técnicos-administrativos, dos discentes, nos fóruns de dirigentes e dos NDE. Outra conquista significativa foi a retomada, no ano de 2018, da publicação de Conexões, o processo de conversão da edição impressa em digital, a composição do novo Conselho Editorial, a publicação no *Open Journal Systems* e a incorporação da revista ao Portal de Revistas Científicas da UFPA.

O momento é simbólico também para realizarmos uma reflexão importante e necessária sobre as perdas ambientais e biossocioculturais imputadas por políticas governamentais errôneas à Amazônia. Os descaminhos provocados pelo desmonte das instituições públicas de ensino e de pesquisa nos conduz a incertezas quanto ao futuro deste território.

Ao sermos cerceados em nosso fazer de produzir e analisar as informações sobre o desmatamento real da Amazônia, por exemplo, nos coloca um sentimento de frustração. Entretanto, nos desafia a resistir e a

lutar para demonstrar o quanto somos capazes de elaborar estratégias que rompem as amarras do retrocesso científico.

Neste emaranhado de sentimentos, a trajetória histórica da revista Conexões evidencia que estamos resistindo ao produzir pesquisas e ao publicizar as informações sobre o *modus operandi* do capital internacional na fronteira agrícola. Como poderá ser observado na leitura dos textos publicados neste volume, a fronteira agrícola continua em franca expansão e os conflitos advindos das alianças entre os sojicultores e os pecuaristas revelam uma dimensão nova na disputa socioeconômica regional.

Ficamos temerosos ao observar os desvios das políticas de proteção e conservação ambiental e das lutas travadas pelos movimentos ambientalistas. Os seringueiros, por exemplo, conquistaram avanços de amplo espectro, entretanto, atualmente as Reservas Extrativistas são palco de diversas políticas de exploração que aprofundam o sentido paradoxal do combate pela conservação das florestas e a inserção do território aos grandes grupos empresariais.

Resulta deste conjunto de fatos, uma tensão no debate sobre o papel e a atuação das instituições financeiras criadas para contribuir com o desenvolvimento regional. O FNO, do BASA, até hoje atua no sentido de possibilitar crédito aos empreendedores locais sendo, portanto, um instrumento econômico-financeiro cuja trajetória precisa ser investigada enquanto impulsionadora da redução das desigualdades intra e inter-regionais.

Nesta perspectiva, a ansiedade por elaborar uma reflexão crítica nos conduz a investigar a história da formação econômica capitalista, ou seja, um retorno aos estudos teóricos clássicos da economia. A partir dessa leitura, compreender o desenvolvimento do setor terciário da economia, criador da chamada não-mercadoria, e de como todos estes pressupostos teóricos podem levar ao entendimento do mundo do trabalho e da crise econômica brasileira e internacional.

Não cabem dúvidas de que a Amazônia está inserida no conjunto deste novo mundo do trabalho e, na atualidade, tal inserção também se deve ao setor terciário da economia com o desenvolvimento do turismo. Nesta

perspectiva, a curiosidade nos encaminha a desvendar os pressupostos teóricos da ciência econômica e as possibilidades metodológicas que podem contribuir para a constituição científica desse novo campo de estudo.

O processo de mundialização do capital e as crises econômicas têm rebatimento de amplo espectro, que tende a se acirrar quando associadas a desastres naturais ou sanitários como o da pandemia de Covid-19. Assim, vivemos momentos de grande agonia provocados pela precarização do trabalho em escala mundial. Mas, sobretudo por um processo de reestruturação produtiva, que oportunizou que organismos públicos explorassem seus trabalhadores em jornadas intensivas e extenuantes visando unicamente a hegemonia do capital.

É a partir destes sentimentos intensos e contraditórios que convidamos os leitores da revista Conexões a mergulharem em uma jornada filosófica, política e econômica tendo os textos deste volume como norteadores das nossas reflexões e debates para o avanço das Ciências Sociais Aplicadas.

Prof. Dr. Armando Lirio de Souza

Prof. Dr. Paulo Moreira Pinto